

Apresentação

O presente dossiê, intitulado *Estudos sobre o Populismo*, reúne contribuições que se propõem a refletir criticamente sobre um dos conceitos mais mobilizados, disputados e continuamente reformulados no âmbito das Ciências Humanas contemporâneas. Longe de constituir uma categoria analítica estável ou consensual, o populismo foi historicamente acionado para interpretar experiências políticas heterogêneas, assumindo significados variados conforme os contextos históricos, os enquadramentos teórico-metodológicos e os objetos privilegiados por cada tradição de pesquisa. Nessa perspectiva, parte-se do entendimento de que problematizar o populismo exige igualmente revisitar os modos pelos quais a historiografia e as Ciências Sociais elaboraram interpretações acerca das relações entre liderança política, participação popular, formas de mediação estatal e processos de construção de identidades coletivas.

Tomando como ponto de partida as experiências clássicas do populismo latino-americano - frequentemente associadas a lideranças como Getúlio Vargas, Juan Domingo Perón e Lázaro Cárdenas -, esta edição buscou ampliar o debate para diferentes temporalidades e abordagens analíticas. O conjunto dos trabalhos contempla reflexões historiográficas, discussões conceituais e investigações empíricas que permitem observar tanto as continuidades quanto as reformulações do conceito, incluindo suas expressões contemporâneas e os debates em torno do chamado *neopopulismo*.

Adicionalmente, ao reunir pesquisas oriundas de diferentes perspectivas disciplinares, almeja-se fomentar um diálogo plural entre História, Ciência Política, Sociologia, Comunicação e áreas afins, compreendendo o populismo não como um fenômeno homogêneo, mas como objeto de interpretações em constante disputa. Com isso, os artigos aqui apresentados exploram distintas dimensões desse debate e, em conjunto, contribuem para ampliar as possibilidades de compreensão sobre os usos, limites e permanências do conceito no cenário político e historiográfico contemporâneo. A seguir, apresentam-se brevemente os textos que compõem esta edição.

No artigo *Entre mediações institucionais e experiências populares: trabalho, Estado e linguagem política no Brasil dos anos 1920–1930*, Erik Gomes propõe uma releitura do debate sobre o populismo brasileiro a partir da história social do trabalho. Em diálogo crítico com interpretações clássicas que associaram o populismo à manipulação das massas e à passividade dos trabalhadores, é mobilizada a perspectiva metodológica de E.P. Thompson para destacar a agência dos sujeitos históricos e o papel das experiências concretas na construção de direitos. A partir da análise do Conselho Nacional do Trabalho (CNT), o texto demonstra que trabalhadores urbanos desenvolveram estratégias de reivindicação e negociação que antecederam e influenciaram as respostas estatais. Diante disso, Gomes defende que o chamado populismo deve ser compreendido como um processo histórico relacional, produzido na articulação entre conflitos sociais, mediações institucionais e disputas pela legitimidade do Estado interventor.

Na obra *O Populismo e suas polêmicas: a trajetória do conceito na obra de Bob Jessop*, Luís Henrique Fonseca Assumpção reflete teoricamente os diferentes sentidos atribuídos ao populismo a partir da obra do sociólogo Bob Jessop. O autor reconstrói os debates tratados por Jessop com Stuart Hall, Ernesto Laclau e Chantal Mouffe para discutir os limites de interpretações que privilegiam exclusivamente a dimensão discursiva ou ideológica dos fenômenos políticos. Em contraposição, Assumpção apresenta a Economia Política Cultural (CPE) e a abordagem estratégico-relacional como ferramentas capazes de articular linguagem, instituições e materialidade econômica. Ao compreender o populismo como uma relação social contingente e uma estratégia de representação acionada em contextos de crise, contribui-se para ampliar o debate conceitual e metodológico sobre os usos contemporâneos da categoria.

Adicionalmente, em *El populismo como clave interpretativa. Disputas conceptuales y tensiones democráticas en Argentina y México (siglos XX–XXI)*, Andrés N. Funes investiga os usos e disputas em torno do conceito na América Latina, tomando como estudo comparativo os governos kirchneristas na Argentina e a experiência lopezobradorista no México. Partindo de uma reconstrução historiográfica do conceito, o autor demonstra como o termo passou a operar não apenas como categoria analítica, mas também como matriz interpretativa carregada de juízos normativos sobre

democracia, representação e Estado. O autor argumenta que determinadas leituras tendem a associar o populismo a personalismo, polarização e enfraquecimento institucional, deixando em segundo plano dimensões como participação política e disputas distributivas. Por essa razão, a mencionada obra considera o populismo menos como uma anomalia democrática e mais como expressão das tensões internas que atravessam as democracias latino-americanas.

Em chave distinta das interpretações tradicionalmente centradas nas dimensões econômicas, institucionais ou discursivas do populismo, o artigo *Turismo e Populismo no Primeiro Governo de Juan Domingo Perón: Entre o Bem-Estar e a Construção da Identidade Nacional*, de Giovana Mylena Silva Soares e Caroline Martins de Melo Bottino, investiga o turismo social como elemento constitutivo do projeto político peronista entre 1946 e 1952. Em concordância com a bibliografia especializada, as autoras destacam que o lazer e o turismo foram incorporados pelo Estado como mecanismos de ampliação de direitos e de fortalecimento de um sentimento de pertencimento nacional. A partir da análise de discursos oficiais, documentos institucionais e da historiografia, evidenciou-se como políticas de férias, excursões e colônias de descanso contribuíram para estreitar as relações entre Estado e trabalhadores. Diante do exposto, o mencionado estudo lança luz aos aspectos culturais e afetivos ainda pouco explorados pela historiografia sobre o peronismo, bem como amplia as possibilidades de interpretação do populismo latino-americano.

Deslocando o debate para as relações entre economia e política, *A razão econômica do populismo contemporâneo*, de Vinícius Azevedo e Letícia dos Santos Chamma, investiga o fenômeno a partir das transformações estruturais do capitalismo nas últimas décadas. Por meio de uma abordagem que articula economia política, trabalho e teoria social, os autores defendem que o avanço do neoliberalismo, a reorganização produtiva e a centralidade do consumo produziram novas formas de sociabilidade, fragilizaram mediações coletivas e reconfiguraram as dinâmicas políticas contemporâneas. Nesse contexto, o populismo é interpretado como expressão das tensões produzidas pela globalização econômica e pela precarização das condições de vida, difundindo discursos de caráter moralizante e identitário que, em última instância, preservam a lógica do capital. Ao privilegiar sua dimensão econômica, o estudo amplia

as possibilidades de interpretação do populismo como fenômeno historicamente vinculado às transformações do capitalismo contemporâneo e às disputas em torno da democracia no século XXI.

Ademais, voltando-se às disputas conceituais que atravessam o campo da Ciência Política, *Populismo como ideologia, estilo ou lógica política: disputas conceituais e implicações analíticas para a Ciência Política*, de Calebe Silva de Carvalho, examina as diferentes formas pelas quais o conceito vem sendo mobilizado na produção recente da área. A partir de uma análise conceitual comparada, o autor sistematiza três principais abordagens - ideacional, performativa/estratégica e discursiva -, destacando seus pressupostos teóricos, potencialidades analíticas e desafios metodológicos.

Argumenta-se que as divergências em torno do populismo extrapolam disputas terminológicas e influenciam diretamente a definição dos objetos, os critérios de seleção de casos e as interpretações acerca da relação entre populismo e democracia. Sob essa perspectiva, o texto reforça a necessidade de um uso conceitual atento às perguntas de pesquisa e aos procedimentos metodológicos adotados.

Encerrando o dossiê com uma reflexão voltada aos usos políticos do passado, *As batalhas de memória do Cavaliere: populismo e anticomunismo na Itália de Berlusconi (1994–2011)*, de Mathews Nunes Mathias, analisa o papel desempenhado pelas políticas de memória na construção de disputas políticas e identidades coletivas durante os governos de Silvio Berlusconi. Em consonância com os estudos da memória e com abordagens discursivas do populismo, é defendido que a mobilização seletiva do passado constituiu elemento estruturante do berlusconismo.

Outrossim, por meio da análise de disputas em torno do antifascismo, do anticomunismo e da institucionalização do *Giorno del Ricordo*, evidenciou-se como determinadas narrativas históricas foram acionadas na produção de identidades coletivas e na redefinição das fronteiras simbólicas da comunidade política. Com isso, ao compreender a memória como instrumento ativo de constituição do “povo” e de formulação de antagonismos, o estudo evidencia a centralidade dos usos políticos do passado para a compreensão dos populismos contemporâneos.

Enfim, ao percorrer diferentes objetos, temporalidades e tradições interpretativas, os artigos reunidos neste dossiê evidenciam que o conceito populismo continua a desafiar leituras homogêneas e explicações unidimensionais. Por tais razões, as reflexões aqui apresentadas demonstram que sua análise ultrapassa a investigação de lideranças ou regimes específicos, exigindo atenção às formas de construção de legitimidades políticas, às relações entre Estado e sociedade, aos processos de produção de identidades coletivas e aos usos do passado na definição de pertencimentos e antagonismos.

Diante do exposto, os trabalhos reunidos apontam que o populismo continua a constituir um terreno privilegiado para refletir sobre problemas centrais das Ciências Humanas, entre eles as formas de construção da legitimidade política, as relações entre Estado e sociedade, os mecanismos de produção de identidades coletivas e os diferentes sentidos atribuídos à democracia ao longo do tempo. O percurso construído ao longo deste dossiê demonstra que o conceito de populismo permanece marcado por disputas interpretativas que não expressam fragilidade analítica, mas evidenciam sua capacidade de iluminar fenômenos políticos heterogêneos. A diversidade de experiências históricas abordadas, bem como a pluralidade de referenciais teóricos e metodológicos mobilizados pelos autores, reforça a impossibilidade de compreendê-lo a partir de definições unívocas ou modelos explicativos estáveis.

Acompanhando os textos do dossiê temos os artigos de fluxo contínuo. O primeiro deles é o “Vozes da Capoeira: a expansão da capoeira Angola em Campos dos Goytacazes através da oralidade”, de Sara Vitória Bessa da Silva, que por meio de relatos e narrativas produzidas a partir da História Oral, explica “como ocorreu a expansão da Capoeira Angola em Campos, quem foram os primeiros mestres e grupos envolvidos e onde surgiram as primeiras rodas, e as dificuldades encontradas nesse período”, sempre utilizando as “vozes” de mestres e capoeiristas para a reconstituição de percurso histórico.

Diana de Alencar Meneses nos apresenta um importante estudo sobre a Amazônia com o seu artigo “Gestão Compartilhada na Amazônia: Desvendando os Instrumentos de gestão em áreas sobrepostas”, onde analisa os modos de pensar o ecossistema amazônico, concentrando-se “nas dinâmicas sociais e nos instrumentos de

gestão que emergem nesse contexto, em vez de realizar uma análise direta do bioma”, sempre buscando destacar as relações conflituosas entre os planos governamentais e os direitos territoriais indígenas.

Em “Revisionismo ideológico e racismo epistemológico como plataforma política”, Estevam Costa Thompson analisa os ataques de que têm sido alvo a disciplina História e seus profissionais. Ele demonstra que os ataques “à universidade pública, à ciência histórica e à relevância da África – não são independentes. Elas fazem parte de um mesmo projeto político ultraconservador”.

André Luiz Pereira Pinho em “Revisitando o mito de Stalin, de herói mundial a vilão comunista: o ocidente e sua necessidade de criar monstros”, parte da discussão da figura do “Stalin histórico” para avaliar como ela justificou um verdadeiro “atalho semântico para disciplinar o debate público e manter a hegemonia capitalista, convertendo ‘socialismo’ em sinônimo de tirania”.

Seguimos em terras soviéticas com o interessante artigo de Leonardo Marinho Ernesto intitulado “O cerco de Leningrado na Segunda Guerra Mundial (URSS): estratégias civis de sobrevivência e reorganização social (1941–1944)”. Baseando-se em sólida pesquisa bibliográfica de autores nacionais e internacionais, produz uma visão acurada do evento, indicando como “as estratégias de sobrevivência na cidade sitiada deram-se emergindo de sua necessidade um novo tecido social com particulares funcionamentos no que diz respeito à alimentação, comércio e no que se entende como estrutura social”.

Finalizando essa edição, Karina Ribeiro Soares Reis e Vanuza Ney em “Reflexões sobre a participação popular e políticas públicas na 6ª Conferência Municipal da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ” analisam a participação da sociedade civil no evento. Lançando mão de ampla documentação referente àquele, as autoras comprovam que a baixa adesão do cidadão campista não tem tanto a ver com falta de interesse e mais com “a falta de mecanismos estatais que garantam a efetividade de tal participação para a perpetuação das ações neoliberais”.

Boa leitura a todas, todos e todes!

Organizadores